

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

CAMILA ELIAS BORGES

O SENSÍVEL NAS AULAS DE ARTES: UM OLHAR PARA O PROJETO “NÃO ME INTERESSA (APENAS) O QUE É CONSAGRADO COMO CULTURA, E SIM AQUILO QUE ME PERTENCE”

CRICIÚMA

2018

CAMILA ELIAS BORGES

O SENSÍVEL NAS AULAS DE ARTES: UM OLHAR PARA O PROJETO “NÃO ME INTERESSA (APENAS) O QUE É CONSAGRADO COMO CULTURA, E SIM AQUILO QUE ME PERTENCE”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva.

CRICIÚMA

2018

CAMILA ELIAS BORGES

O SENSÍVEL NAS AULAS DE ARTES: UM OLHAR PARA O PROJETO “NÃO ME INTERESSA (APENAS) O QUE É CONSAGRADO COMO CULTURA, E SIM AQUILO QUE ME PERTENCE”

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 22 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestra - (UNESC) - Orientadora

Juliana Veloso - Mestranda - (UFRGS)

Julmara Goulart Sefstrom - Especialista – (UNESC)

Dedico este trabalho a minha amada mãe e em especial a minha orientadora Prof.^a Silemar Maria de Medeiros da Silva, muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aos meus pais Clinor Pereira Borges e Elza Elias Borges pela educação, amor e incentivo em todos os momentos da minha vida pessoal e acadêmica.

Ao meu namorado Simon Pereira que com amor e paciência me estendeu a mão e esteve ao meu lado em todos os momentos que precisei.

Aos demais familiares e amigos que com palavras positivas me incentivaram, em especial a minha cunhada Paula Ferreira por estar sempre disposta a me ajudar, e minhas amigas de infância Tais Helena e Stefani Neves por me ouvirem e me darem forças em todos os momentos.

Não poderia deixar de agradecer as protagonistas dessa trajetória Andressa Araujo e Gabriela Duzzioni, que durante esses quatro anos como colegas de curso dividiram comigo erros, acertos e claro, muitas risadas e companheirismo, e com isso, construímos uma grande e sincera amizade.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Silemar Maria de Medeiros da Silva, que desde o início compartilhou seus conhecimentos e com carinho e muita sabedoria, me incentivou e me mostrou os caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

A secretária do curso de Artes Visuais, Rosilene Ricken pela atenção e ajuda sempre que precisei, a todos os professores e agradeço também em especial, a Prof^a Julmara Sefstrom por abrir as portas de seu projeto para que eu pudesse realizar a pesquisa e a todas as 23 crianças envolvidas, que fizeram parte da minha formação e me inspiram a continuar, sendo protagonistas desta pesquisa.

**“Viajantes sensíveis trazem cheias as
bagagens pessoais”**

Mirian Celeste Martins.

RESUMO

Esta pesquisa surgiu a partir de reflexões sobre a importância da disciplina de arte na construção do olhar sensível dos alunos. Dialogando com diferentes autores como: Baptista (2016), Cohn (2005), Cruz (2008), Cunha (2017), Gerhardt (2008), Leite (2007), Meira e Pillotto (2010), Pillotto (2007), Rocha (2008) e Santos (2006). Contemplando ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998). A pesquisa de campo aconteceu com as crianças do Ensino Fundamental I, do projeto “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura, e sim aquilo que me pertence”, aprovado pelo Instituto Arte na Escola e desenvolvido pela professora Julmara Goulart Sefstrom. Evidencio como problema de pesquisa: Qual a importância da disciplina de Arte na construção do olhar sensível das crianças? Os resultados apontados indicam o conhecimento sensível como meio pelo qual os alunos se expressam, representam e comunicam seus sentimentos e conhecimentos, contribuindo na sua relação com o mundo e consigo mesmo, ampliando seu repertório de experiências e colaborando de modo significativo no seu processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Arte; Ensino de Arte; Olhar Sensível; Criança.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Museu Casa do Agente Ferroviário.....	27
Figura 2 - Professora e Alunos fotografando o local	28
Figura 3 - Alunos visitando a Igreja Matriz São Donato, Içara - SC	29
Figura 4 - Aquarelas Abstratas.....	31
Figura 5 - Caixa de Memórias	32
Figura 6 – Caixa de Memórias	32
Figura 7 - Portfólios ou Cadernos de Artistas.....	33
Figura 8 - Mascote do Projeto Elzinha	35
Figura 9 - Manto da Decepção	36
Figura 10 - Detalhes do Manto da Decepção.....	37
Figura 11 - Bolsa de Memórias	38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NUPAE	Núcleo de Pesquisa em Arte e Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SC	Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	12
1.2 CONTANDO DOS CAPÍTULOS.....	14
2 O ENSINO DA ARTE E O OLHAR SENSÍVEL	15
3 A CRIANÇA E SEU CONTEXTO SOCIOCULTURAL.....	19
3.1 A CRIANÇA E O ENSINO DA ARTE	20
4 UMA HISTÓRIA PARA CONTAR: O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS.....	23
5 PROPOSTA DE CURSO	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Durante meu percurso como acadêmica do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, e também como estagiária, pude perceber que a maioria dos alunos, nas escolas por onde passei, possuíam um aparente bloqueio para expressar-se, ou simplesmente para envolver-se em atividades nas aulas de arte que demandasse um pouco mais de reflexão e de participação.

Isso me reportou ao tempo em que estudava na escola de educação básica, surgiram-me perguntas que me acompanham até a graduação: Como fazer uma leitura sensível do trabalho do outro? Como me expressar em um trabalho artístico? Como ficar a vontade para fazer arte com o meu corpo? Como ouvir sensivelmente? Como olhar criticamente? Interrogações essas que foram respondidas, ainda que parcialmente, durante a trajetória de licenciatura em arte na qual sou acadêmica.

Mas como seria buscar essas respostas a partir de experiências de crianças nas aulas de artes, considerando um ensino de artes que contemple as tendências pedagógicas contemporâneas?

Encantada com a Educação Infantil e com o Ensino Fundamental, a fim de me aproximar desse universo, decidi que o tema do meu trabalho de conclusão de curso, seria relacionado com a importância de contribuir para a formação do olhar sensível de crianças, pois acredito que a educação e a construção de cada indivíduo como sujeito social seja processual, e as crianças são o início desse ciclo. Sendo assim, precisava de crianças para ampliar meu olhar sobre a compreensão delas, sobre seu processo de formação.

Nessa direção, aponto como problema: **Qual a importância da disciplina de Arte na construção do olhar sensível das crianças?** Mas, quais seriam essas crianças? Como Trabalho de Conclusão de Curso, tenho um tempo reduzido para esta investigação. Diante disso, me aproximo do Arte na Escola Polo Unesc¹ e encontro um projeto que vem sendo desenvolvido com crianças, o qual me interessou. Partindo, desta questão problema faço opção de acompanhar alunos deste projeto aprovado pelo Instituto Arte na Escola. Mediado pela professora Julmara Sefstrom, o qual tem como título: “Não me interessa (apenas) o que é

¹ O Arte na Escola Polo Unesc é um projeto permanente da Universidade que vem trabalhando na direção da formação de professores de artes de Criciúma e Região. Escrevo sobre no capítulo 4.

consagrado como cultura, e sim aquilo que me pertence”. Um trabalho desenvolvido com 23 crianças entre 9 e 10 anos, e que, entre outras ações: contemplaram uma saída de campo para conhecerem os patrimônios culturais do seu município estudados em sala de aula. Elas vêm produzindo alguns trabalhos artísticos e foram convidadas à expor esses trabalhos no Museu da Infância – UNESC. São crianças do 5º ano do Ensino Fundamental I, da escola de Educação Básica Antônio Guglielmi Sobrinho do município de Içara - SC.

Assumo como objetivo geral “Compreender a importância do processo de formação do olhar sensível dos alunos a partir do trabalho desenvolvido na disciplina de Arte no Ensino Fundamental I”, neste caso: as crianças do 5º ano do projeto da professora Julmara Goulart Sefstrom. Deste modo, evidencio os objetivos específicos, sendo eles: pesquisar bibliografias que auxiliam na compreensão do tema proposto; reconhecer a importância de trabalhar o sensível nas aulas de Arte; acompanhar o trabalho desenvolvido pela professora Julmara Goulart Sefstrom com esse grupo de alunos, assim como analisar a produção e fala dessas crianças no sentido de melhor compreender seus processos de construção de sentido.

Mas como construir um caminho para atender ao problema aqui levantado? Os caminhos desta pesquisa são indicados nas questões metodológicas que seguem nessa introdução. Na sequência, apresento um breve mapeamento dos capítulos, no qual contemplo o referencial teórico, reconhecendo-o como exigência desta escrita acadêmica.

1.1 QUESTÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Unesc, a qual se define como: “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação.”² A natureza da pesquisa é básica, tendo como forma de abordagem do problema a pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou

² Linha de pesquisa previstas no regulamento - Resolução nº 39/2014/Colegiado UNAHCE do curso.

não deveria ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das operações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p. 21)

Quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória, onde foram desenvolvidas pesquisas bibliográficas, proposições, teoria e análises de pesquisas documentais que apresentam questões como o Ensino da Arte, a criança e a importância da construção do olhar sensível dos alunos. Acompanhei uma saída de campo com crianças de um projeto desenvolvido em aulas de artes e visitei uma exposição de seus trabalhos na UNESCO. Realizei entrevistas não estruturadas no dia da saída de campo com as crianças, a partir de um acompanhamento direto com elas em suas ações. A análise das produções das crianças, a conversa com a professora de artes e a preparação para a exposição das produções das crianças na exposição no espaço do Museu da Infância³ também foram contempladas.

De acordo com Minayo “O tratamento do material nos conduz a uma busca da *lógica peculiar e interna* do grupo que estamos analisando” (2009, p. 26). Deste modo, a pesquisa qualitativa explora novas questões do tema que está sendo abordado e contribui produzindo novos conhecimentos e questionamentos acerca da Educação e Arte com crianças.

Trata-se assim, de uma pesquisa de campo que, entre outras exigências cuidou para que fosse garantida a autorização de todos os envolvidos, a começar pela direção da escola. Conversei primeiro com a orientadora deste trabalho de conclusão de curso, quem é também orientadora do projeto da professora Julmara e que o assume como um projeto de pesquisa financiado pelo Instituto Arte na Escola. Conversamos, eu e professora Silemar, com a professora Julmara, quem demonstrou interesse em participar com suas crianças. Julmara é a professora de artes que aprovou o projeto citado e quem faz a mediação com as crianças, que prontamente aceitaram esta participação. Os pais autorizaram por escrito o uso de fala e imagens, uma vez que essas crianças já fazem parte de uma pesquisa junto ao Arte na Escola Polo Unesc. Consideramos através de uma conversa com a coordenadora do Arte na escola polo UNESCO, com a professora do projeto e com a diretora da escola, que deixam claro que a autorização já assinada pelos pais para a pesquisa do Polo também servirá para este TCC.

³ Museu da Infância é um museu sem paredes e está na Unesc desde 2005, sobre ele escrevo no capítulo da análise dos dados.

Visito as crianças, as acompanho na saída de campo no dia 20 de setembro de 2018, encanto-me com elas, e volto a olhar suas produções, analiso a sequência didática deste trabalho que envolve a formação continuada dos professores do Arte na Escola Polo Unesc. Meu envolvimento com essas crianças se ampliou, e precisei me afastar para que pudesse trazer um olhar de pesquisadora, exercício este no qual coloco como aprendiz.

1.2 CONTANDO DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo chamado introdução, opto por falar da metodologia e contar dos capítulos, o que faço até aqui. E é no segundo capítulo que escrevo um pouco do ensino da arte e o olhar sensível. Para tanto o diálogo teórico acontece com Cunha (2017), Gerhardt (2008), Pilloto (2006) e Santos (2006). Contemplando ainda os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998).

Para tratar da criança e seu contexto sociocultural o terceiro capítulo vai abrindo diálogo a partir do que diz Baptista (2016), Cohn (2005) e Meira e Pillotto (2010). Sobre criança e o ensino da arte trago Cruz (2008), Leite (2007), Meira e Pillotto (2010 e 2007) e Rocha (2008).

No capítulo quatro com o título: Uma história para contar: o protagonismo das crianças, escrevo sobre o projeto “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura, e sim aquilo que me pertence”, relato as vivências dos alunos durante o ano letivo, a saída de campo que acompanhei pelo município de Içara – SC e a exposição dos alunos no Museu da Infância – UNESC. No capítulo cinco apresento a proposta de curso como exigência deste TCC. Por fim, no último capítulo, evidencio as considerações finais da minha pesquisa. O que segue com as referências.

2 O ENSINO DA ARTE E O OLHAR SENSÍVEL

A arte se faz presente no desenvolvimento da humanidade como ferramenta fundamental para o processo de humanização. Desde o início da história, o homem a vivencia para comunicar-se ou simplesmente deixar marcas por meio de gestos, desenhos, signos e sons. Conforme o mundo se desenvolveu e o tempo foi passando, a arte também ganhou novas formas de expressão e seu espaço na educação. Assim, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte

após o Renascimento, arte e ciência foram consideradas no Ocidente como áreas de conhecimento totalmente diferentes, gerando concepções que admitiam que a ciência era produto do pensamento racional e a arte da sensibilidade. (PCN, 1998, p.31)

Neste viés da arte, Santos contribui afirma que “A arte é um bem mundial considerado patrimônio cultural da humanidade, pois, através da comunicação e expressão plástica, musical, dramática e literária, o homem deixou a sua história registrada.” (2006, p. 7). Dessa maneira, podemos entender que o ensino da arte, abrange a produção artística de todos os tempos. A inclusão da arte no currículo escolar, como uma rica contribuição para a formação dos sujeitos, foi um passo muito importante para sua valorização, sobre o ensino da arte, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte ressaltam que

[...]o aluno poderá desenvolver seu conhecimento estético e competência artística nas diversas linguagens da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais como para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízo sobre os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade. (PCN,1998, p. 47)

Depois de vivenciar a arte nos diferentes níveis de ensino durante meus estágios, escolhi me aproximar do ensino da arte com crianças. Sobre a arte e o Ensino Fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte apresentam que

[...]no transcorrer do ensino fundamental, espera-se que os alunos, progressivamente, adquiram competências de sensibilidade e de cognição em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, diante da sua produção de arte e

no contato com o patrimônio artístico, exercitando sua cidadania cultural com qualidade. (PCN, 1998, p.47)

Portanto, é de responsabilidade do professor de arte do Ensino Fundamental, promover metodologias que proporcionem um olhar sensível dos alunos. Após passar por diversos períodos e transformações, ao pensar no ensino da arte para os dias atuais, nos deparamos com a arte contemporânea, a fim de possibilitar aos professores e alunos relação da arte com seu próprio tempo. Para Cunha

as provocações da arte contemporânea sugerem uma pedagogia provocativa em arte, propiciando a oportunidade de as crianças expressarem o mundo de forma crítica, sensível, buscando suas próprias respostas sobre a vida por meio de produções artísticas singulares e contemporâneas. (CUNHA, 2017, p. 26)

Por meio da relação com o mundo da arte, o ser humano pode expressar-se e ter uma visão mais sensível de mundo, ao longo da vida, ao relacionar-se com o outro e nas variadas situações cotidianas, é por meio da sensibilidade e percepções, que o sujeito aproxima-se do real e do irreal. Pillotto nos afirma que

portanto intuir, duvidar, questionar, indagar são caminhos criativos que representam um modo dinâmico de conhecimento, no qual o indivíduo é protagonista na interação entre a sua percepção e a construção de significados e o modo como esses objetos lhe falam ou lhe respondem. É um jogo de interpretação e intencionalidade. Tal processo não é estanque ou passivo. É dialógico, uma vez que está inserido no ambiente cultural. Essa relação permite ao indivíduo repensar e agir perante novas situações, muitas vezes inesperadas, repletas de surpresas. (PILLOTTO, 2006, p.52)

O ato de intuir a partir do que se sente e do que sabe, torna o sujeito capaz de construir e criar novas possibilidades para novas situações. Conforme Pilloto, no livro *Gestão e Conhecimento Sensível na Contemporaneidade*, talvez seja por conta da intuição que artistas e cientistas não saibam explicar logicamente como descobriram e chegaram ao seus resultados. O indivíduo é protagonista na interação da sua percepção com a construção de significados, questionar, intuir, indagar são caminhos criativos que representam uma maneira dinâmica de conhecimento. Para a autora, o sensível contribui com essa possibilidade do ser humano “transformar” a realidade, perceber e construir suas próprias percepções. Pilloto completa esse pensamento quando nos diz que

o conhecimento sensível, a forma pela qual a pessoa apreende a realidade, não é totalmente lógico-racional, ou seja, alimenta-se muito mais de um saber subjetivo, apropriado de elementos que por sua natureza não necessitam de uma explicação concreta, mas de uma força transcendental que se fortalece na forma individual de perceber-se e perceber tudo o que está à sua volta. (PILLOTTO, 2006, p. 58)

Para que serve esse olhar sensível então? Os alunos que se relacionam significativamente com o fazer artístico, possibilitados nas aulas de arte, possuem maior capacidade de desenvolverem a imaginação, reflexão, percepção e conseqüentemente o perceber/olhar sensível, que além de contribuir para seu reconhecimento como sujeito, permite uma maior facilidade de relacionar-se com o mundo, contribuindo também, para conviver em grupo e para atuar na sociedade, sabendo posicionar-se criticamente de maneira individual e coletiva. Para Gerhardt, “Um indivíduo criativo adapta-se com mais facilidade ao ambiente ao qual é submetido, podendo aperfeiçoá-lo no que julgar necessário.” (GERHARDT, 2008, p. 115), desta maneira, nas aulas de arte e na sua relação com o mundo, por meio da criatividade e sensibilidade, o sujeito terá mais facilidade e alternativas para contribuir no meio em que estiver inserido. Neste processo Gerhardt complementa quando diz que

Fica claro que a educação precisa ser um processo de humanização que ocorre com a finalidade explícita de tornar o indivíduo participante do processo civilizatório. O educar na escola torna-se, ao mesmo tempo, uma maneira de orientar o estudante para compreender e analisar, constituindo-se também um auxílio na construção de sua identidade. (GERHARDT, 2008, p. 110)

Esse perceber sensível, desenvolvido nas aulas de arte, contribui também para resgatar o olhar banalizado pelas coisas muito vistas, possibilitando um novo e significativo olhar não captado anteriormente. Nos estágios de desenvolvimento humano, o trabalho com a criança possibilita maior facilidade para promover uma ampla visão de mundo, pois é nesse determinado período de vida em que os indivíduos estão formando sua identidade pessoal e aprendendo a conviver em sociedade. Os alunos que compreenderem e conseguirem desenvolver esse perceber/olhar sensível, serão capazes de transmitir seus sentimentos e captar a mensagem do outro, desenvolvendo sua criatividade e expressando-as em suas produções. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte

Sabe-se que, ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo. (PCN, 1998, p.43)

O valor da arte, nesse desenvolvimento do sensível está em ser um meio pelo qual os alunos expressam, representam e comunicam seus sentimentos e conhecimentos, contribuindo na sua relação com o mundo e consigo mesmo, ampliando seu repertório de experiências e colaborando de modo significativo no seu processo de desenvolvimento.

3 A CRIANÇA E SEU CONTEXTO SOCIOCULTURAL

A criança está aqui, representada, como um dos pontos principais desta pesquisa e dar voz à ela é o principal objetivo. Remeto-me às considerações da autora Clarice Cohn no livro “Antropologia da criança” (2005), que aborda a concepção da criança segundo a antropologia e etnografia que seria vivenciar, tratando a particularidade de cada lugar e o contexto sociocultural que cada criança está inserida. A autora defende a criança como um sujeito social e produtora de cultura, “crianças existem em toda parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural.” (COHN, 2005, p. 26).

Compreender o contexto sociocultural, ou seja, etnia, gastronomia, língua, costumes, tradições populares, entre outros, nos quais os alunos estão inseridos é fundamental para propor metodologias que enriqueçam ainda mais o campo de conhecimento dessas crianças e as instiguem a valorizar ainda mais sua própria cultura. Para Cohn “as crianças não são apenas produzidas pelas culturas mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura”. (COHN, 2005, p. 35). A autora também trata da criança como produtora de cultura e atuante na sociedade, que deve ser reconhecida não como alguém que esteja sendo preparado para uma próxima etapa, a “vida adulta” e sim como um ser que já interage e possui uma visão própria de mundo, produzindo cultura e suas próprias experiências. Nessa mesma linha Baptista enfatiza que:

Isso possibilita a construção de um olhar para o modo como as práticas sociais se estabelecem a nossa volta. É mais que realizar um cruzamento entre arte e educação, é vincular o cotidiano “invisível” às práticas educativas, ao cotidiano que faz parte do nosso imaginário e que está repleto de representações simbólicas que também constituem nossas identidades individuais e sociais. (BAPTISTA, 2016, p. 9)

Mariane Blotta Abakerli Baptista no artigo “Relações e possibilidades entre o ensino da arte e a perspectiva da cultura visual” traz, ainda, a ideia de pensar o sujeito como produtor ativo de cultura, valorizando como experiência

estética não somente a obra de arte, mas também aquilo que vemos e nos relacionamos diariamente. Para Baptista

Uma das formas de gerar conhecimento nos projetos é através do modo como alunos e alunas vão se apropriando das questões que estão estudando, dos temas que se conectam com suas subjetividades e da aproximação às novas fontes com as quais estão trabalhando. (BAPTISTA, 2016, p. 6)

Conhecendo e valorizando o contexto sociocultural e possibilitando metodologias que compreendem a sociedade onde as crianças são atuantes, os professores proporcionarão a conexão da arte com o próprio “eu” e com o cotidiano dos alunos, sendo assim, eles conseguirão se identificar e contribuir com a cultura na qual estão inseridos e se reconhecerem em outras representações artísticas também. De acordo com Meira e Pillotto

Intuição e razão não existem isoladamente e não se desenvolvem de forma fragmentada. Unindo a inteligência e o sensível, a partir de seu potencial de associações e imaginação e de suas necessidades interiores, os professores podem ampliar seus processos intuitivos. Esses processos podem ocorrer por meio da observação e da correlação constantes do cenário interno e externo da escola e da sensibilidade do professor em criar relações inter e intrapessoais entre ele, os estudantes e a comunidade. (MEIRA;PILLOTTO, 2010, p. 42)

Aqui, remeto-me ao projeto que as crianças vivenciam com a professora Julmara, que trabalhou com metodologias que possibilitam esses percursos de reflexão e criação artística por meio das relações entre o olhar do aluno, suas memórias, heranças e tradições. O projeto oportuniza, através do contexto das crianças um olhar para o Patrimônio local e – confesso – me empolgo, vibro, encanto-me com as possibilidades de escuta dessas crianças, as quais analiso e busco ampliar a compreensão sobre a contribuição do ensino da arte na formação dessas e de tantas outras crianças que devem ter acesso à um trabalho de artes de qualidade porque esse acesso é seu por direito.

3.1 A CRIANÇA E O ENSINO DA ARTE

Para este diálogo sobre criança e o ensino da arte, faço referência ao livro “Linguagens da arte na infância” organizado por Silvia Sell Duarte Pillotto, que traz

discussões, estudos e indagações do NUPAE- Núcleo de Pesquisa em Arte e Educação, com o objetivo de contribuir para uma educação significativa para as crianças. Diante dessas questões, Pillotto afirma que:

Se quisermos de fato uma educação para a cidadania, que entenda os sujeitos como construtores de suas histórias, temos de garantir a educação estética e artística nos espaços das instituições educacionais, talvez o único espaço para a maioria das crianças, um dos poucos meios para adentrarem o universo poético e estético. (PILLOTTO, 2007, p. 22)

A escola, juntamente com o professor de arte, possui o papel de possibilitar as crianças o direito a experiências artísticas, estéticas e lúdicas, nas quais possam manifestar-se expressivamente por meio das variadas linguagens da arte, em muitos casos a escola é o único local onde essas crianças poderão ter essas experiências. Meira e Pillotto complementam dizendo que

Manifestar-se por meio da expressão artística significa para a criança o prazer e o aprender sobre suas capacidades de criar, de produzir e de materializar suas vontades. Ajuda a compreender a si mesma, aos outros, às obras sociais e à própria pedagogia como parte de um ritmo constante em suas construções cognitivas e sensíveis. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p.17)

Nessa direção, Isabel Leite afirma que “a criança produz cultura quando atribui significados às suas experiências. Ela (re)significa o vivido, o ouvido, o visto, o sentido, o provado, o cheirado e os transforma de maneira singular e autoral.” (2007, p.50). No capítulo 3 do livro “Linguagens da Arte na Infância”, Leite defende que as crianças e os professores desenvolvam juntos seu senso estético de maneira autônoma e crítica, ampliando o conhecimento do mundo das crianças e oferecendo experiências relevantes afim de aprimorar seus repertórios artísticos e sua formação cultural.

Completas, criativas e curiosas, as crianças são capazes de demonstrarem o que pensam acerca de si e de diversos temas da sociedade. Nesse processo de conhecer o mundo com suas próprias experiências, vão descobrindo e significando a partir de suas emoções, pensamentos e sentimentos, que devem ser estimulados na aula de arte. Rocha nos afirma que

Conhecer as crianças permite aprender mais sobre as maneiras como a própria sociedade e a estrutura social dão conformidade às infâncias; sobre o que elas reproduzem das estruturas ou o que elas próprias produzem e

transformam através da sua ação social; sobre os significados sociais que estão sendo socialmente aceitos e transmitidos e sobre o modo como o homem e mais particularmente as crianças- como seres humanos novos, de pouca idade- constroem e transformam o significado das coisas e as próprias relações sociais. (ROCHA, 2008, p. 48)

Retorno ao projeto, onde a professora Julmara pensou em cada detalhe, colocando os alunos como protagonistas das suas ações e percepções, em todas as suas produções, no momento em que eles elaboraram suas próprias perguntas, para a conversa com o prefeito sobre o patrimônio cultural local, e principalmente, no momento em que eles anotam situações, conceitos, descrevem os lugares que viram, com suas próprias palavras. A realização de todas as produções são momentos pessoais e únicos que tornam a criança o sujeito central, capacitando-os a expressarem suas próprias opiniões acerca de suas experiências. Não são apenas reprodutores, mas sim, produtores de cultura e conhecimento, vivenciando esses momentos que fazem parte da construção da sua identidade, ampliando, assim, seus pontos de vista. Finalizo esse capítulo com o olhar de Silvia Helena Vieira Cruz (2008, p.23), na apresentação do livro “A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas”, quando descreve a criança como “protagonista, sujeito de direitos e, nas diversas formas de subjetivação que produz, reveladora e desveladora do mundo.”

4 UMA HISTÓRIA PARA CONTAR: O PROTAGONISMO DAS CRIANÇAS

O Instituto Arte na Escola é uma associação civil sem fins lucrativos que, promove e reconhece o ensino da arte, por meio da formação continuada de professores da Educação Básica. Um dos polos Arte na Escola se encontra na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, que tem como coordenadora geral a professora Silemar Maria de Medeiros da Silva. No polo UNESC são realizados encontros quinzenais, onde os professores podem participar. Nesses encontros são debatidos questões relacionadas ao ensino e a arte, com o intuito de contribuir para a qualificação do ensino em toda a região. O polo também oferece materiais de apoio aos professores interessados em cultura e arte.

Além do Prêmio Arte na Escola Cidadã, o Instituto Arte na Escola promove cursos on-line, como o Aprendendo com Arte. No ano de 2017, os professores do Polo Unesc participaram do Aprendendo com Arte e além dos encontros on-line mantiveram seus encontros presenciais vinculados as propostas deste curso, o qual teve como conclusão a apresentação de um projeto para ser desenvolvido em sala de aula em 2018. “Participar do curso Aprendendo com Arte foi uma excelente oportunidade de rever minha prática, me autoavaliar como docente e realizar trocas com meus pares, professores de diferentes regiões do país.” (SEFSTROM, 2018, p. 83). Cada um dos 10 polos participantes de todo o país, aprovou um projeto. O projeto “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura e sim, aquilo que me pertence” teve destaque em nível nacional e subsidiado financeiramente pelo Instituto Arte na Escola, foi um dos projetos escolhidos para o trabalho de 2018.

A proposta contempla o desenvolvimento do projeto com os alunos a partir de discussões com o grupo de professores da UNESC. O grupo da formação continuada do polo tem dois grupos de formação, um chamado grupo de estudos e o outro grupo de pesquisa, o qual pensa junto com a professora Julmara Sefstrom a sequência didática neste projeto aprovado.

Tudo começou quando os professores de 10 polos Arte na Escola, participaram do curso à distância “Aprendendo com Arte” oportunizado pela Fundação Volkswagen em parceria com o Instituto Arte na Escola. O curso foi dividido em módulos, onde os professores de artes estudaram cultura visual, ensino

de arte contemporâneo, patrimônio artístico e cultural, tecnologias no ensino da arte e entre outros assuntos relacionados ao ensino da arte. Ao final do curso, conforme estabelecido, cada um dos participantes elaborou um projeto a ser colocado em prática no ano de 2018, dez desses projetos seriam escolhidos entre os polos participantes para que fossem efetivamente realizados. Nesse contexto, o projeto de Julmara foi aprovado para o polo UNESCO. O ponto forte desse projeto foi o protagonismo das crianças, considerando uma proposta que dá voz aos pequenos alunos.

O foco principal do projeto “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura e sim, aquilo que me pertence”, é o patrimônio cultural, com o propósito de oportunizar a criação artística e reflexão dos alunos, por meio de suas tradições, heranças e memórias, propiciando através de seu contexto, um olhar sensível para o patrimônio local. Como acadêmica de Artes Visuais Licenciatura, percebo a grande importância de existirem projetos como esses, que pensam o professor como ser em construção, visando melhorar cada vez mais as aulas de arte, colocando os alunos como protagonistas, valorizando ainda mais o ensino da arte e conseqüentemente a formação crítica e sensível dos alunos.

Foram desenvolvidas diversas atividades no decorrer do projeto, as quais são chamadas de sequência didáticas, sendo elas: Reflexões a partir das palavras chave: herança, memória e tradição; Produção de aquarelas abstratas a partir de imagens do patrimônio artístico nacional; Produção de portfólios individuais pelas crianças (cadernos de artistas) como instrumentos de registro e avaliação; Apreciação e discussão do curta ‘Dona Cristina perdeu a memória’ e do desenho animado ‘Viva a vida é uma festa’; Confeção de ‘caixas memórias’ pelas crianças e familiares usando objetos de seu acervo pessoal; Apreciação de imagens fotográficas do patrimônio de Içara, com observação e registro, etapas da metodologia de educação patrimonial proposta por Horta (1999); Observação de imagens artísticas de Edi Balod de Criciúma, estabelecendo relações com o patrimônio local; Produção artística contemporânea coletiva do ‘Manto da decepção’ em alusão ao incêndio do Museu Nacional (RJ); Aula de composição fotográfica (regra dos terços, enquadramento, ângulos de observação); Produção da mascote Elzinha pelo grupo de professores pesquisadores; Saída de campo para conhecer *in loco* os patrimônios içarenses e confecção de ‘bolsas memórias’ com alunos e suas famílias, usando técnicas de bordado e pintura em tecido.

Dentre essas ações citadas, acompanhei a saída de campo pela cidade de Içara - SC, para conhecer os patrimônios locais do município, juntamente com os alunos e professoras no dia 20/09/2018 onde fomos guiados pela historiadora Elza de Mello Fernandes, a qual inspirou os professores pesquisadores na produção da mascote do projeto, sendo homenageada com a boneca “Elzinha”. A mascote visita a casa dos alunos e junto com a boneca vai um caderno/diário, com o objetivo de relatar os lugares visitados durante a semana com o aluno e sua família.

Para a saída de campo, havia um roteiro pré-determinado, neste roteiro havia a visita à sala do prefeito, à biblioteca, ao museu casa do ferroviário, entre outros. Para Martins “Visitar um museu ou espaço cultural pode ter o mesmo sabor de uma viagem a um novo território. Mesmo para quem já o conhece, penetrar em suas obras e histórias cria a oportunidade de novos encontros estéticos.” (MARTINS, 2012, p.10).

Em cada cantinho visitado conhecemos grandes histórias do município. Antes da saída de campo, já havia conversado com a professora Julmara e pesquisado sobre o projeto, porém ainda não conhecia os alunos. Logo no início da manhã, fizemos a primeira parada na prefeitura de Içara- SC, onde estava marcado um encontro com o atual prefeito da cidade, o prefeito não se fez presente e quem nos recebeu foi uma funcionária do setor financeiro. Os alunos, que já estavam preparados para fazer perguntas ao prefeito sobre o município e principalmente sobre os patrimônios culturais da cidade, não se intimidaram, mesmo sendo outra pessoa os recebendo.

Foi este momento de perguntas e respostas dos alunos, que fiquei encantada com o efeito do projeto na vida daquelas crianças. Recordo-me com muita clareza, o momento em que a funcionária que estava na sala representando o prefeito, após já ter respondido algumas perguntas, resolveu então, perguntar aos alunos, para eles o que era patrimônio cultural, foi quando rapidamente um dos alunos que se encontravam a frente, respondeu que para ele “patrimônio cultural é algo que pertence à cidade” este aluno foi interrompido por uma de suas colegas que decidiu completar a resposta dizendo, “não somente à cidade, mas algo que pertence à gente também, nossas memórias são nossos patrimônios.” Admirada com a rapidez e potência das respostas dos alunos, a funcionária sorrindo disse “o

que está sendo feito com os alunos do projeto, já é um grande incentivo a manter e preservar os patrimônios culturais”.

Durante o dia que passei junto aos alunos, pude perceber a importância do projeto para cada um. Ao sair da escola eles já haviam preparado um caderno/diário, onde escreveram dias antes, as expectativas para a saída de campo e durante o trajeto tudo que viram, e o que puderam colher de informações, sempre atentos e questionando. Fiquei pensando no que aquela iniciativa da professora resultaria, os imaginei andando pela cidade em outro momento com outras pessoas, contando com suas palavras as histórias daqueles lugares, plantando uma semente, que germinará e chegará até a vida de outras pessoas.

Momentos como esse, de saída de campo, instigam os alunos a aprenderem, sair da zona de conforto e do ambiente escolar que freqüentam todos os dias, é uma ferramenta para estimulá-los. Assim, Martins é citada no sentido de completar este pensamento quando defende que,

Mas, se nosso corpo/olhar se faz viajante e atento, uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa ou da escola, ou mesmo a casa do vizinho; quando nosso corpo/olhar identifica as semelhanças e percebe as diferenças nos modos de viver, pensar e habitar os territórios. (MARTINS, 2012, p. 9)

Memórias da cidade, heranças e tradições, são encontradas nesses patrimônios culturais para serem preservadas e contempladas pela a sociedade. O projeto é rico em todos os sentidos, esse momento de saída de campo, foi essencial para que os alunos se aproximassem ainda mais das heranças de sua cidade. A visita aos patrimônios culturais proporcionou aos alunos a oportunidade de vivenciar e saber mais sobre esses lugares históricos, que também fazem parte do seu dia a dia. Além de ampliar seus conhecimentos, despertou nos alunos um novo olhar, um olhar mais sensível sobre as riquezas da sua cidade, e juntamente com as outras metodologias que foram realizadas durante o ano, expandiu ainda mais a percepção de algo que pertence somente à cidade, para algo que pertence a cada um deles.

Finalizo este capítulo com mais falas dos alunos, dessa vez em momentos de aulas, encontradas no artigo: **Arte na Escola Polo Unesc: “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura, e sim, aquilo que me pertence”** escrito pelas professoras Silemar Maria de Medeiros da Silva; Julmara Goulart Sefstrom. No início do projeto algumas falas evidenciam os saberes dos alunos com

relação aos conceitos estudados, podemos melhor perceber nos dizeres que seguem:

“Eu acho que tradição que identifica a pessoa da cidade que vem, o que ela é, exemplo: eu venho de Rio Grande do Sul é uma tradição (...)” relata um aluno em um dos encontros, sobre o conceito de tradição.

A respeito do tema herança outro aluno descreve: “Quando eu ouço a palavra herança eu lembro de minha bisa (...) ela antes de morrer na casa dela ela me deu um baú de ferro e uma medalhinha.”

E sobre o conceito de patrimônio, que também é uma das palavras chave do projeto, outro aluno diz que “Eu não sei, mas a minha mãe fala isso todo dia ‘isso é patrimônio na nossa família’.”

As falas dos alunos são muito significativas para o projeto, pois a professora Julmara busca contemplar o olhar para a singularidade de cada um, mantendo a postura de escutar os alunos e a partir dos conceitos que eles trazem em suas falas, produz novas metodologias.

Figura 1 - Museu Casa do Agente Ferroviário



Fonte: Arquivo do projeto

Os alunos registravam informações que colhiam durante a saída de campo, juntamente com desenhos, tudo aquilo que achavam relevante, para recordar e também, discutir em sala de aula com os colegas e com a professora.

Figura 2 - Professora e Alunos fotografando o local



Fonte: Arquivo do projeto

Durante as paradas entre um local e outro, os alunos e a professora aproveitavam para registrar e por em prática os conceitos e técnicas de fotografia estudados nas aulas de composição fotográfica. A professora com seu olhar artístico, cuida de registrar esse momento e podemos perceber o movimento da menina que, centrada na linha da ferrovia, organiza sua câmara e busca um ângulo para o registro de uma imagem que contará uma história.

Figura 3 - Alunos visitando a Igreja Matriz São Donato, Içara - SC



Fonte: Arquivo do projeto

A figura 3 nos mostra os alunos em frente à igreja, ouvindo a historiadora Elza de Mello, que relatava a história e resgatava memórias e representações do local.

Para socializar o projeto, o qual se encerra em dezembro de 2018, foi preparada uma exposição, no Museu da Infância. O Museu, desde 2005, é um espaço dentro do campus da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, no município de Criciúma – Santa Catarina, destinado a divulgar e preservar as produções científicas e artístico-culturais da, para e sobre a infância, o que é produzido sobre e também, pelas crianças. O Polo Arte na Escola UNESC, o Museu da Infância, juntamente com a professora Julmara e os 23 alunos do projeto, realizaram a exposição “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura e sim, aquilo que me pertence”, com abertura no dia 25/10/2018 aberta ao público até o dia 14/11/2018, no núcleo expositivo Infância e Paz.

A exposição contou com produções realizadas pelos alunos do projeto durante o ano letivo, sendo elas, aquarelas, cadernos de artistas, pinturas e bordados, bolsa de memórias, todas as propostas evidenciando as questões de patrimônio, herança, memória e tradição. Os *artistas* são a professora e as crianças, a professora que por meio de sua sensibilidade oportunizou todas essas vivências significativas aos alunos, que participam e dialogam em suas obras com o tema proposto, juntamente com sua criatividade e singularidade.

“A grande “novidade” da arte contemporânea é, então, transformar os sujeitos, antes, espectadores passivos, em sujeitos criativos, ativos, que participam e expandem seus pensamentos e imaginação a partir das obras.” (CUNHA; CARVALHO, 2017, p.15). Através do olhar atento e sensível do professor os alunos podem então se expressarem dentro dessas metodologias contemporâneas.

De uma maneira artística e poética, em “Aquarelas Abstratas” os alunos representaram seus olhares sensíveis sobre suas memórias, suas histórias, evidenciando fragmentos tirados de um banco de imagens de diferentes produções artísticas, fomentando novas configurações, aquareladas e nutridas pelos pedaços de memórias anteriormente guardadas.

Figura 4 - Aquarelas Abstratas

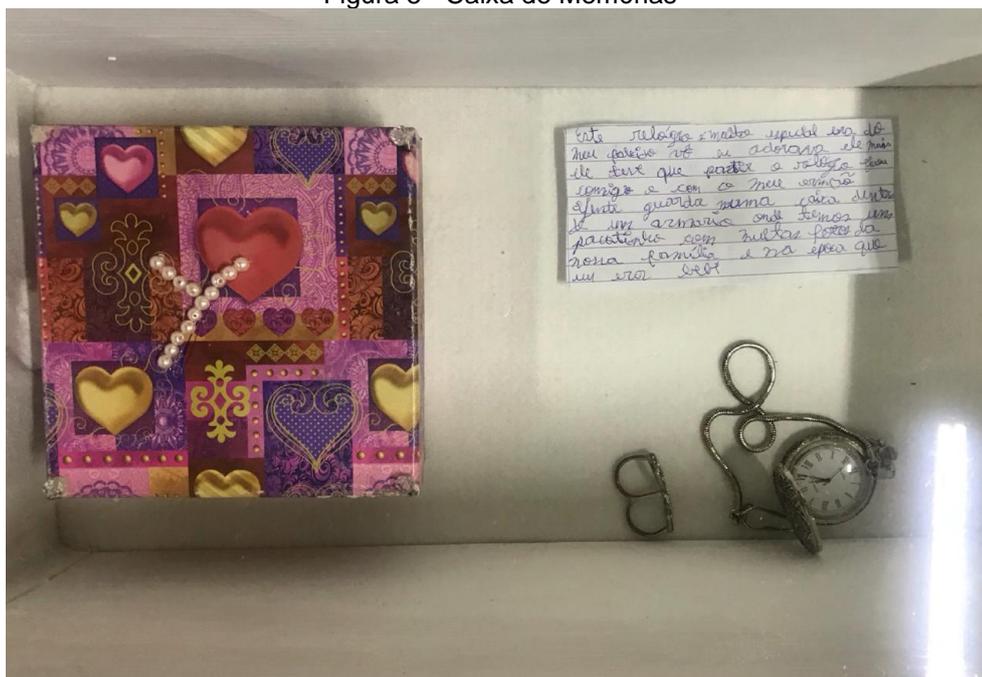


Fonte: acervo da pesquisadora

É possível perceber, que de um modo significativo, os alunos expressaram sua sensibilidade através da tinta aquarela sobre papel, representando por meio da criatividade, das cores vivas, com pinceladas potentes ou sutis, paisagens e monumentos, destacando em suas obras, seus olhares com relação às suas memórias.

Na proposta “Caixa de Memória” o objetivo foi ressaltar os patrimônios pessoais das crianças, provocando-os primeiramente a reconhecerem seus próprios patrimônios, para depois amplificarem seus olhares para o patrimônio da sua cidade. Antes de produzirem suas caixas, os alunos assistiram ao curta “Dona Cristina perdeu a memória” que destacou a importância de alguns objetos, que aparentemente não possuem valor, mas são responsáveis por trazer à tona memórias que marcam histórias de vidas.

Figura 5 - Caixa de Memórias



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 6 – Caixa de Memórias



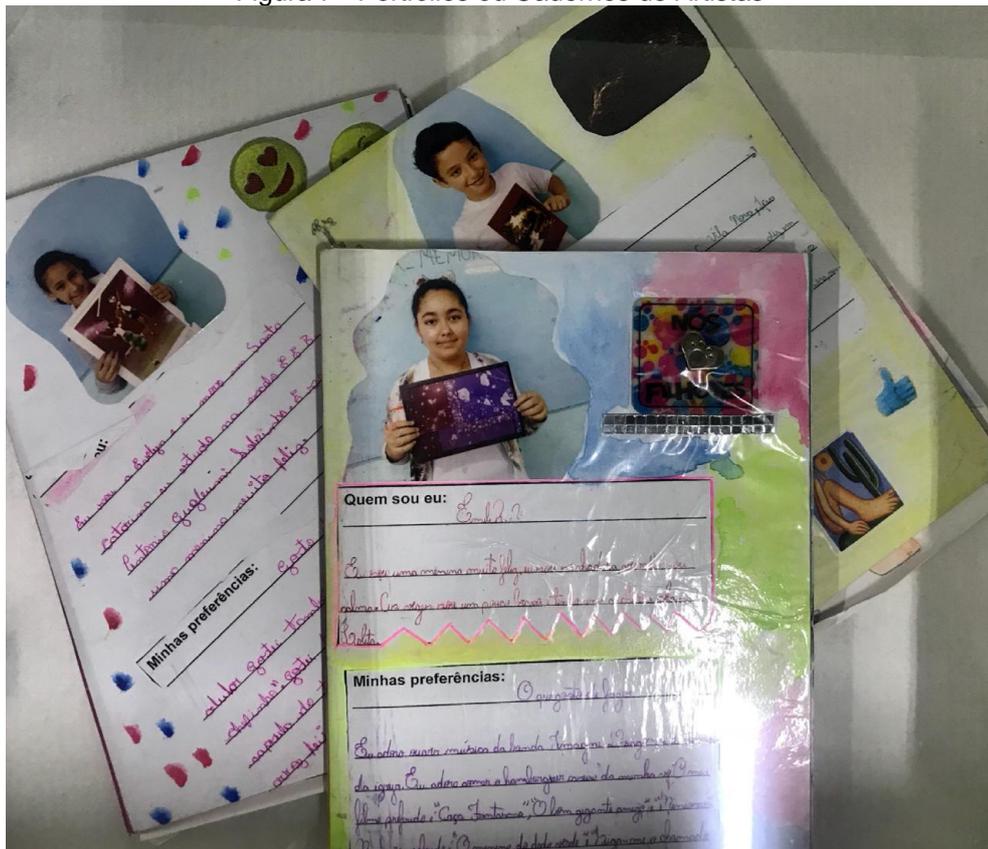
Fonte: acervo da pesquisadora

As crianças construíram, parte de suas “Caixas de Memórias” em casa com seus familiares, utilizando objetos significativos para cada um, como por exemplo, fotos, roupas de bebê, objetos antigos da família e entre outros. Cada um construiu de acordo com suas histórias pessoais e o resultado foi encantador. Além

das caixas serem expostas, foram apresentadas pelos alunos em sala de aula, um momento muito significativo, que proporcionou muitas emoções para a professora e para os alunos. As relações pontuadas a partir dos objetos de memórias foram rendendo histórias emocionantes, que ampliaram o olhar das crianças para aquilo que lhes pertence, buscando reflexões sobre os conceitos trabalhados: memória, tradição, herança e o próprio patrimônio que era fio condutor do projeto.

Nos “Portfólios ou Cadernos de Artistas” cada aluno criou seu caderno/portfólio individual, que funciona como um diário, nos quais eles anotam ideias, acrescentam imagens, textos e desenhos de acordo com suas próprias percepções das aulas. Este caderno faz-se como um instrumento avaliativo, no qual podemos perceber o percurso desse aprendizado, pois o aluno anota sobre seus encontros, evidenciando sua compreensão sobre os conceitos trabalhados.

Figura 7 - Portfólios ou Cadernos de Artistas



Fonte: acervo da pesquisadora.

Nos seus portfólios os alunos relatam a trajetória vivida durante o ano letivo de maneira cronológica. “Obrigado por escolher nossa turma para participar do trabalho da UNESCO” agradeceu uma aluna logo nas páginas iniciais de seu portfólio.

Questionados sobre suas relações com uma imagem, outro aluno registrou “Esta imagem fala pra mim uma coisa do passado uma memória que aconteceu comigo na minha família nós fizemos coisas como essa imagem com papel. Pra mim tem a ver com memória por que me lembro coisas do passado.” Encontrei também, em outro caderno de artista, o seguinte registro “Essa imagem me lembrou a natureza, quando eu faço trilha, e essa imagem me traz tranquilidade essa imagem me acalma.” Para finalizar trago as considerações de outro aluno “Esta imagem tem um valor sentimental”. Folheando cada página dos cadernos de artista dos alunos do projeto, encontrei riquezas de detalhes, cada palavrinha escrita pelas crianças, cada relação que eles fizeram dos conteúdos com suas próprias vidas, me mostrou o quanto eles estavam conectados com o que estavam estudando.

As crianças confeccionaram a capa, utilizando fotografias e descrevendo seus gostos pessoais, também usaram materiais diversos para interferirem artisticamente de maneira criativa e singular. Foram atividades que se conectaram a partir dos territórios da arte e da cultura. Nessa direção o projeto contou com uma mascote “Elzinha” que é uma boneca de pano que foi confeccionada pelos professores pesquisadores do Polo Arte na Escola UNESC. A boneca foi inspirada na historiadora Elza de Mello Fernandes⁴, que é assistente técnico pedagógica da escola e virou uma espécie de “madrinha” do projeto. Dona Elza, como é chamada, é historiadora e tem uma dissertação de mestrado que trata de questões culturais da cidade de Içara - SC.

⁴ Dona Elza fez Mestrado em Ciências da Linguagem e sua dissertação tem como título: Terno-de-Reis e boi-de-mamão em Içara SC: as relações dialógicas na linguagem do folclórico do ciclo natalino.

Figura 8 - Mascote do Projeto Elzinha

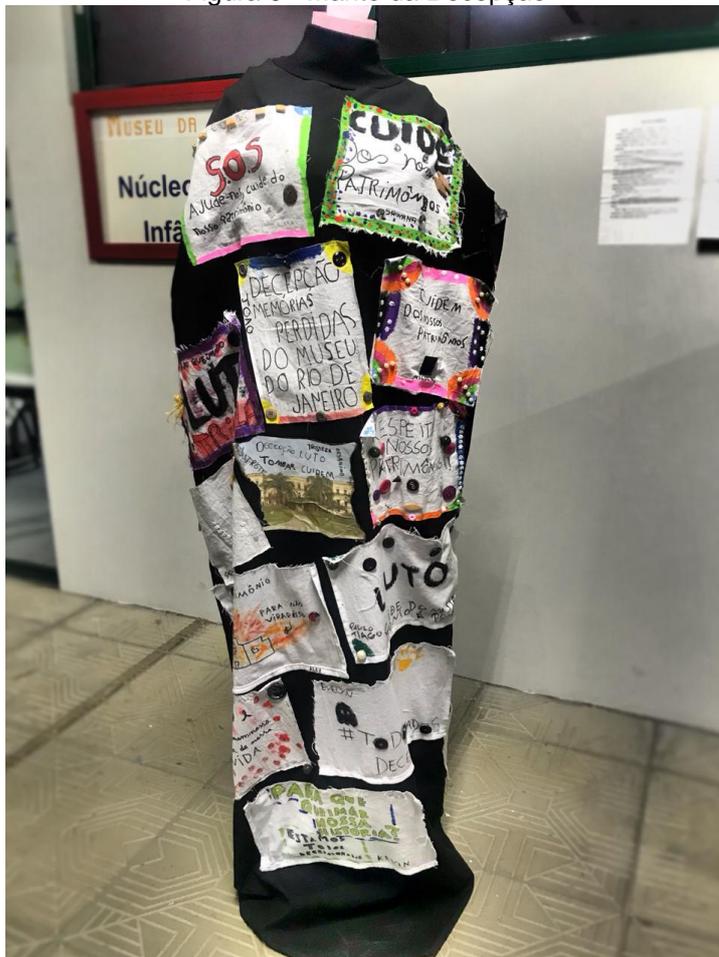


Fonte: Arquivo pessoal da acadêmica

Todos os alunos têm a oportunidade de levar a mascote “Elzinha” para casa do aluno onde ela participa durante uma semana das atividades com a família e as vivências são registradas no “diário de Elzinha”.

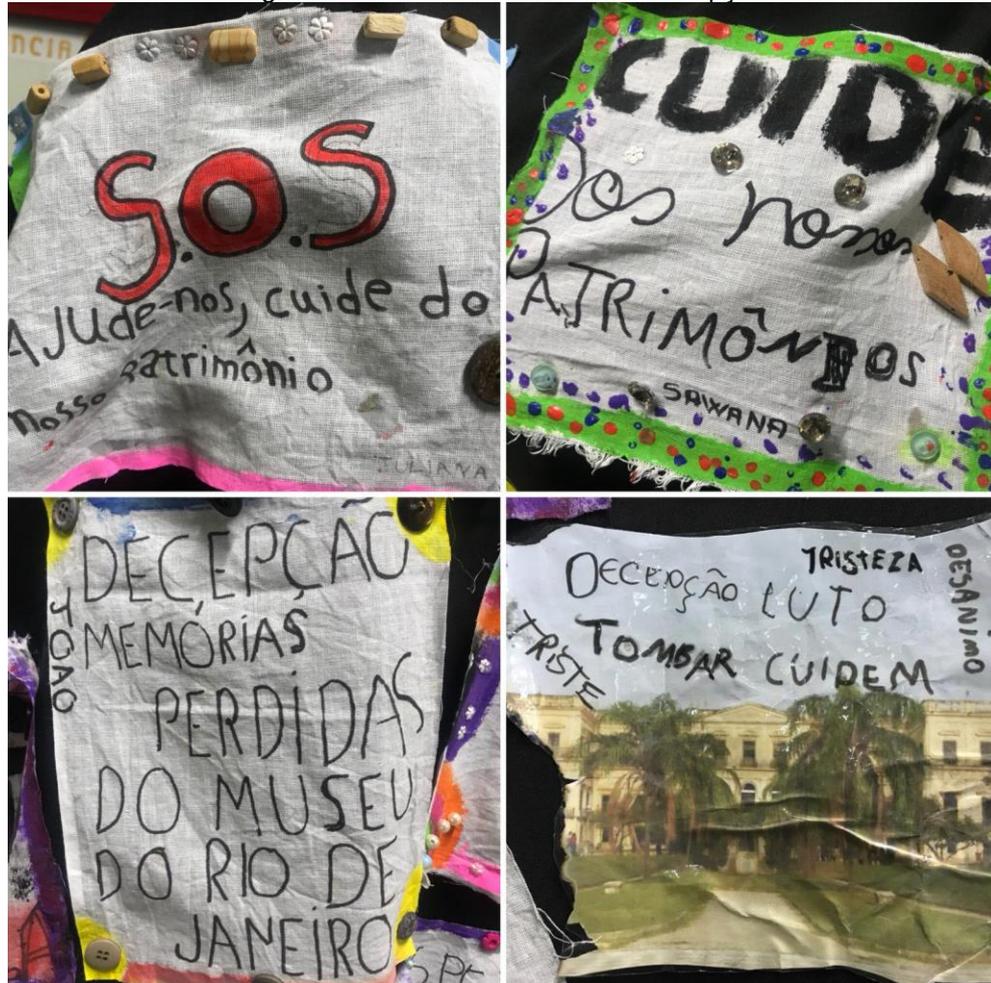
A sequência didática abre espaço para um trabalho que foi desencadeado a partir do incêndio que aconteceu no Museu Nacional no Rio de Janeiro. Esta, então foi à próxima obra representa, a qual evidenciou a revolta dos alunos com relação ao incêndio do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista- RJ. No dia 02/09/18, aconteceu uma grande tragédia, destruindo a maior parte do acervo de uma história de muitos anos. Como forma de protesto e a fim de expressar a revolta com o descaso ao patrimônio brasileiro, os alunos produziram coletivamente o “Manto da Decepção”.

Figura 9 - Manto da Decepção



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 10 - Detalhes do Manto da Decepção



Fonte: acervo da pesquisadora.

O trabalho foi inspirado na obra “Manto da apresentação” do artista Arthur Bispo Rosário. Questionados sobre como representar em um “Manto” a situação atual a partir do acontecido com o Museu Nacional, os alunos escolheram a cor preta representando o luto e escreveram e desenharam protestando. Cada criança criou sua representação referente a perda e ao descaso dos órgãos públicos com nossos patrimônios. Entre as escritas como “ajude a cuidar do nosso patrimônio”, a palavra “luto” e “decepção, memórias perdidas”, os alunos foram deixando registrado a relação criada com o que lhe pertence: o patrimônio público.

Para a próxima atividade, os alunos conheceram a obra “Parede de Memória” da artista Rosana Paulino, onde em um tecido a artista transferiu 850 fotografias de seu álbum de família. Havia uma bolsa, já costurada por muitas

mãos⁵, e que tinha como título “bolsa de memória”. A bolsa foi pensada como uma metáfora daquilo que nos pertence e carregamos conosco, objetos, heranças e memórias. A partir dessas reflexões, surgiu a idéia de construir bolsas customizadas, que as crianças chamaram de “bolsas de memórias”.

Figura 11 - Bolsa de Memórias



Fonte: Arquivo pessoal da acadêmica

Transferindo uma das fotos de família para um tecido de algodão e customizando com bordados, cada aluno confeccionou sua própria bolsa com a ajuda dos familiares e professores. Esse também foi um momento muito significativo de envolvimento entre família e escola. Segundo Iavelberg, pensando a respeito dos fazeres artísticos e trabalhos expostos, nos apresenta que

A diversidade nos modos do fazer artístico infantil, expressa nos trabalhos expostos, e quando os adultos vivem e participam com as crianças das atividades de arte nas escolas, contribuem para a valorização de uma arte infantil genuína e alimentada pelas culturas artísticas que a criança levará consigo para a vida como forma autoral de participação social. (IAVELBERG, 2017, p.36)

⁵ A bolsa foi pensada com o grupo de professores que providenciaram, com a coordenadora do projeto, o tecido e demais materiais para a confecção das bolsas. Mães e avós se dedicaram na costura dessas bolsas. Foi um trabalho coletivo que se estendeu às propostas do projeto.

Este pensamento remete-se a prática da produção das “Bolsas de Memórias”, que contou com a participação dos familiares na escola para a confecção, contribuindo para a valorização do trabalho artístico. O projeto foi realizado do começo ao fim pensando nas crianças como protagonistas, possibilitando conhecimento e aguçando seus sentimentos, singularidades e percepções. Tendo como referencial os patrimônios culturais, memórias, heranças e tradições, cada aluno representou seu olhar acerca do que foi abordado, resultando em práticas significativas que desenvolveram os olhares sensíveis dos alunos. Em todas as vivências deste processo de aprendizagem, as crianças falam, seja por sinais subjetivos apresentados em suas produções, conversas, olhares e sentimentos expressados. A exposição no Museu da Infância marcou o projeto de uma forma muito especial, valorizando as produções realizadas pelos alunos, os colocando mais uma vez como protagonistas desta trajetória.

5 PROPOSTA DE CURSO

TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO OLHAR SENSÍVEL NA DISCIPLINA DE ARTE.

EMENTA: Formação continuada. Reflexões sobre o Olhar Sensível no Ensino da Arte. Atualização de estudos da Arte com propostas contemporâneas.

CARGA HORÁRIA: 12 horas

PÚBLICO-ALVO: Professores da disciplina de Arte.

JUSTIFICATIVA:

O projeto de curso terá como base à problemática: Qual a importância da disciplina de Arte na construção do olhar sensível? Levando professores da disciplina a debaterem e vivenciarem práticas relacionadas ao sensível, para posteriormente aplicarem em suas metodologias.

Sabemos que a disciplina de Arte possui grande importância na construção dos sujeitos e no cotidiano escolar, além de conteúdos, os professores devem propiciar práticas significativas aos alunos, chegando até o sensível. Para Picosque e Martins (2007, p. 352) “O processo educativo que move a aprendizagem da Arte revela-se cheio de sutilezas porque envolve colocar em movimento os sentidos/sensações, o sentimento, a razão e a ação.”

O foco desse projeto é a valorização de encontros que pensam o professor como ser em (re)construção e os instiguem a cada vez mais, levarem para sala de aula, metodologias contemporâneas acompanhadas de vivências significativas. A sensibilidade para lidar com a disciplina de Arte é essencial e abre caminhos para a interação dos alunos, de acordo com Zurk (2013, p. 123) “Os caminhos do imaginário podem nos conduzir à esfera multi-interativa entre o lúdico, o criativo, a estética e as artes”. Portanto, a forma de levar o ensino da arte é fundamental para essa construção do olhar sensível, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos, onde deve-se trabalhar o cotidiano fazendo

ligações com novas metodologias para enriquecer as aulas deixando-as mais interessantes e instigando assim, a entrega dos alunos.

OBJETIVO GERAL:

Propiciar reflexões sobre o Olhar Sensível no Ensino da Arte, oportunizando vivências significativas.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Estimular professores a ampliarem seu conceito de olhar sensível;
- Debater bibliografias que abordam o tema proposto;
- Vivenciar e reconhecer a importância de trabalhar o sensível nas aulas de Arte;

METODOLOGIA:

O encontro acontecerá no período noturno, após solicitado por email, inicialmente será debatido questões encontradas no livro “Gestão e Conhecimento Sensível na Contemporaneidade” da autora Silvia Sell Duarte Pilotto, que abordam o desenvolvimento dos sujeitos, a continuidade no processo de construção e transformação, abordando o conhecimento sensível.

Após o debate, pensando em uma prática sensível, que envolva os professores de maneira significativa, será construído um “Relicário de Memória” individual, onde cada um irá desenvolver sua caixa de memória, pensando em objetos, fotos, relíquias pessoais que marcaram suas histórias de vida. Enquanto os professores desenvolvem seu relicário, estará tocando ao fundo músicas escolhidas por eles, que também marcaram suas vidas.

O debate e a prática realizada se objetivam em proporcionar aos professores troca de conhecimentos e ampliação para seus conceitos de olhar sensível, visando valorizar cada vez mais a Arte e para que possam levar até seus alunos essa e outras experiências significativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta pesquisa foi provocada durante meu percurso como estagiária e como acadêmica do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, percebendo que a maioria dos alunos, nas escolas por onde passei, possuíam um bloqueio nas aulas de arte que demandasse um pouco mais de sensibilidade, o que me levou a refletir sobre a importância da disciplina de arte na construção do olhar sensível das crianças. Por que crianças? Identifiquei-me com elas durante meus estágios obrigatórios e não obrigatórios, e como sendo elas o início do ciclo da construção de cada indivíduo, escolhi me aproximar deste público para realizar minha pesquisa de TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

No que se refere à valorização da construção do olhar sensível dos alunos, a professora do projeto pesquisado “Não me interessa (apenas) o que é consagrado como cultura, e sim aquilo que me pertence.” mostrou compreender essa importância em todas as propostas realizadas, considerando as crianças protagonistas de suas produções. As vivências possibilitaram a elas criarem e se recriarem dentro da cultura em que estão inseridas. Sendo assim, é dada voz aos alunos, que expressam em suas produções o conteúdo abordado e que se conecta com a maneira que veem ou imaginam. A metodologia visa possibilitar os olhares sensíveis dos alunos em todos os momentos, o que deu a eles liberdade para criar, sentir, protestar e sentirem-se participantes da sua cultura.

A pesquisa contou com as contribuições bibliográficas, que me fizeram compreender o quão importante é valorizar o aluno, desde criança, como sujeito completo, que interage e possui uma visão própria de mundo, produzindo cultura a partir de suas próprias experiências. Compreender a sociedade na qual os alunos estão inseridos também é fundamental para propor metodologias que enriqueçam ainda mais o campo de conhecimento dos alunos, os instigando a valorizar cada vez mais a cultura onde estão inseridos. O mundo é marcado pelas constantes transformações, sendo assim, as aulas de Artes devem acompanhar estas mudanças. Destaca-se, a importância da formação continuada, de forma a oportunizar pontes para que os professores de arte considerem um ensino que contemple as tendências pedagógicas contemporâneas, cabendo ao professor apresentar para aos alunos novas maneiras de ver a arte e o mundo, assim, estimulando um olhar mais sensível.

A importância da disciplina de arte na construção deste olhar sensível está em dar significado às vozes dos protagonistas desta história, no caso: as crianças. Falo de um olhar que colabore para a transformação pessoal e social, desenvolvido a partir de emoções, pensamentos e sentimentos, que capacitem os alunos a demonstrarem o que pensam de si e dos temas da sociedade. Com este olhar sensível, as crianças terão a oportunidade de perceber melhor o mundo onde vivem, e desse modo, melhor atuar nele.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mariane Blotta Abakerli. **Relações e possibilidades entre o ensino da arte e a perspectiva da cultura visual**.2016. Disponível em: <<https://aprendendocomarte.org.br/wp-content/uploads/2017/05/M%C3%B3dulo-3-Rela%C3%A7%C3%B5es-e-possibilidades-entre-o-ensino-da-arte-e-a-perspectiva-da-cultura-visual.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2018.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte : Ensino de quinta a oitava séries. I. Título.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 58 p.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. 386 p.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte Contemporânea e Educação Infantil: Crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017. Cap. 1. p. 9-26.

GERHARDT, Márcia Lenir. A criação artística e as poéticas visuais no cotidiano da educação tecnológica. In: SANTA MARIA. AYRTON DUTRA CORRÊA. **Ensino das Artes Visuais: Mapeando o processo criativo**. Santa Maria: Ifsm, 2008. Cap. 4, p. 110.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso: 20 maio 2018.

IABELBERG, Rosa. Arte, infância, formação docente e cultura. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte Contemporânea e Educação Infantil: Crianças observando, descobrindo e criando**. Porto Alegre: Mediação, 2017. Cap. 3. p. 27-36.

LEITE, Maria Isabel. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 9. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2007. Cap. 3. p. 39-57.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. 162 p

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia. **ARTE, AFETO E EDUCAÇÃO: a sensibilidade na ação pedagógica**. Porto Alegre: Mediação, 2010. 139 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009. 54 p.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. As linguagens da arte no contexto da educação infantil. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Linguagens da arte na infância**. Joinville: Univille, 2007. Cap. 1. p. 17-28.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Gestão e Conhecimento Sensível na Contemporaneidade**. Florianópolis/joiville: Editora da Ufsc/editora de Univille, 2006. 116 p.

PICOSQUE, Gisa; MARTINS, Mirian Celeste. Travessias para fluxos desejantes do professor-propositor. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ufsm, 2007. Cap. 3. p. 344-366.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta da criança em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 89 p.

SEFSTROM, Julmara Goulart. Falando sobre o processo de formação: a partir da sala de aula e do curso Aprendendo com Arte. In: ESCOLA, Instituto Arte na (Org.). **Compartilhando Experiências em Arte e Educação**. São Paulo: Fundação Volksvagen, 2018. Cap. 12, p. 83.

ZURK, Bernardo. Imagina enquanto eu te conto. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine. **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. 2. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2013. Cap. 8. p. 119-128.